

Irene

Djaimilia Pereira de Almeida

Irene (cuja voz é a de várias raparigas e rapazes)

Natércia

Joaquim (vários rapazes)

Ricardo

Pessoal de escritório (várias raparigas e rapazes)

Colegas do serviço de limpeza (várias raparigas e rapazes)

Transeuntes (várias raparigas e rapazes)

*Irene é uma rapariga negra. A sua voz é, alternadamente, a de várias raparigas e rapazes. Sempre que Irene fala, a sua fala é interpretada por várias vozes, de mulher e homem. Joaquim é alternadamente vários rapazes. O pessoal do escritório são também várias raparigas e rapazes assim os colegas do serviço de limpeza, que limpam o escritório a seu lado. Irene encontra-se ou no quarto, a escrever ou a meditar. Na rua, entre a multidão. No escritório, a trabalhar, de bata.*

*Irene está no quarto, diante da mesinha à qual escreve, sentada olha as paredes e fala. A sua voz é alternadamente a de várias raparigas e rapazes.*

Ando cadela a farejar meu filho faz este ano quarenta e seis anos. Pai branco levou meu filho na manhã de 3 de Fevereiro de 1974. Vivíamos na Ilha de Luanda. Namorados de beijinho e carinho no ombro até à manhã em que Ricardo levou meu Joaquim. Eu varria o chão e separava peixe. Ricardo era contabilista da Lusopescas. Companheiras invejavam meu namorado branco. Fiquei grávida ao fim dum ano, meu filho foi feito na praia. A mudança estava perto, disse ele no bilhete que me deixou na noite em que abalou.

Naquela madrugada, partiu e levou o menino do berço “vêm aí novos tempos. Vive a tua vida, meu amor, levo o menino comigo para lhe dar educação. Fica em paz, amor, perdoa-me, Ricardo”. Menino tinha cinco meses de vida. Dez anos fiquei a chorar no porto de pesca. Esperava que os barcos trouxessem o meu menino. Pescadores do porto me viam chorar na barra. Eu gritava com o mar para trazer meu menino de volta. Escrevia o nome do meu filho na areia da praia. Ondas levavam o meu Joaquim mas não me acudiram. As velhas vendedeiras diziam-me louca, “essa já foi, diz que pai branco lhe levou filho”. Já ninguém acreditava que eu fosse sair dali. Deixei de comer, de me lavar, andava pelos mangais chamando meu filho, misturada com o chiado dos pássaros, com a lama no corpo.

*Agarra numa fotografia que tem sobre a mesa.*

Uma noite, um anjo de luz me visitou e me disse para ir até Lisboa à sua procura. Juntei todo o meu dinheiro, amarrei meu lenço na cabeça, e parti. Vim em busca do meu menino com a única fotografia dele que tenho, tirei eu mesma, quando ele tinha uma semana. É tudo o que tenho e o seu nome, Joaquim.

Me recebeu minha mana Natércia, na sua casa, onde vivia sozinha. Meu quarto é meu plano, fiz esses anos mapa da minha procura. Palmilho as ruas em busca do meu menino, todo o fim de semana, feito capanga a bater terreno. Não conheço a cara do meu Joaquim. Só tenho o seu cheiro gravado na alma. Com essa fotografia pequena imagino a cara de Joaquim hoje. E vou pela rua à procura dessa cara parecida com a minha. Em busca de meu filho, vou na rua a olhar todas as caras e tenho em mim todas as que já vi com estes meus olhos. Minha procura ganhou mapa. Bati a Baixa de Lisboa, todos os fins de semana dos primeiros três anos. Depois comecei a meter-me no com-boio.

Nunca vi meu filho homem, conheci-o só em bebé. Mas vejo a sua cara nos homens que encontro na estação, nos miúdos da escola a brincar uns com os outros quando voltam a casa, vejo a cara do meu filho na cara do moço cigano que tem banca de sapatos ao lado da estação. Todo o rapaz me parece Joaquim. Procurei meu filho nos meninos na praia, na feira que montam ali no

Colégio Militar, no Castelo de S. Jorge. Procurei-o nos barcos e no metro e nos parques infantis que encontrei. Procurei pelo nome de Ricardo nas Páginas Amarelas, mas não encontrei. Ricardo Santos, é tudo o que sei e nunca bastou. Às vezes, baixo os olhos e, pela rua, sigo só o cheiro dele que trago no peito. Sei que conheço o meu filho pelo cheiro, mesmo depois de cem anos. Caras todas do mundo. Mil e um homens, meu Joaquim é minha sina e minha estrela. Esse anjo que me apareceu na minha terra, às vezes, fala comigo pelo caminho. Vou matutando no meu anjo, nariz à coca, meu anjo ilumina os meus passos. Natércia às vezes diz que estou louca. Que esqueça meu filho e faça minha vida. Mas me arrancaram meu filho, arrancaram meu braço, arrancaram meu coração. E meu coração bate longe do meu peito vazio. Sou mulher sem coração. Bater do meu coração no peito do meu filho me chama. Às vezes, vou pela cidade e ouço o bater ao longe. Sigo no encalço do som a caminho da minha bonança. É meu coração que bate lá longe no peito do meu Joaquim. E, ouvindo-o, me sei mais a caminho de voltar à vida.

Minha história é essa de morta viva por Portugal em busca de meu menino que pai branco me roubou. Procuro os meninos mestiços pela rua, encaro os pais e as mães. Tem dias que vejo menino parecido com a minha imaginação. Mas logo vejo que é mais velho ou estrangeiro ou doutra idade. Tem dias que ouço voz nas minhas costas chamando pela mãe. E me viro para me descobrir enganada. Sonho que encontro meu filho e ele já não me conhece. Sonho que meu filho já tem outra mãe, outro nome. Mas me tenho corajosa na bus-

ca a cada manhã. E vou fazendo minha vida, há vinte anos que faço, também sou filha de Deus.

*Irene está no escritório, onde trabalha nas limpezas, vestida de bata. Há mesas e cadeiras. A seu lado, outras raparigas e rapazes limpam sem se olharem. Ela vai falando e a sua voz é a de várias raparigas e rapazes que vão falando sem interromperem as suas tarefas.*

Dia de semana, trabalho no escritório da editora Planos e Fundos, imprimem livros para todas as idades. Entro cinco horas. Saio 13 e 30. É aí que eu vejo as páginas e penso que também minha história é história de livro. Às vezes, me dá um desespero que não poder procurar meu filho noite e dia. Me entra uma culpa, uma tristeza. Mas aí vem meu anjo que me dá festa na cabeça, me acompanha de noite e me entende. Marido não achei nunca mais. Achei meu anjo que é tio, namorado, meu companheiro, meu pai. Meu anjo, se calhar, como diz a Natércia, é mesmo só coisa da minha cabeça. Mas coisa da minha cabeça me ampara, é minha sorte e meu aconchego.

Todo o dia a lavar esse escritório, tantas páginas de tantos livros para espanhar. Vou sonhando com as minhas palavras, com o meu caminho. Oito horas, entram os meninos no serviço e aí termino meu turno. Mas muitas tardes, fico em casa a anotar meu trajecto, minhas dores. Às vezes, entra uma dor que penso que nunca tive filho nenhum se toda a prova que tenho é essa pequena fotografia. Não tenho cicatriz de parir meu menino. Se calhar, só so-

nhei que ele nasceu e ele nunca viu a vida. Se calhar, meu filho é coisa da minha cabeça.

Como não duvidar de que ele realmente me aconteceu? Passou tanto tempo, noite que pari meu filho é sonho antigo. Corpo donde ele saiu já nem é mais o mesmo. Primeiro choro de meu Joaquim é gemido de vento no ouvido, longe, no vale onde não há memória. Se mo levaram sem rasto de noite e nunca mais o vi. Se calhar, sonhei com Ricardo e sonhei toda a minha vida até hoje em que mais não tenho feito do que procurar meu filho. Mas então também eu, Irene, sou coisa da minha cabeça. Também eu Irene sou sonho que eu tenho. E não sei quem é a mulher sonhando com a mulher que eu acho que sou. Não sei quem é essa mulher que me sonha na cama quando, a meio da noite, enquanto ela sonha, pai branco lhe leva menino que ela teve.

Natércia nunca viu meu menino, só conhece a fotografia. Tenho vergonha de dizer aos outros que tenho um menino chamado Joaquim. Tenho medo que me julguem mãe desnaturada ou, como as velhas da feira, lá na minha terra, duvidem de que falo verdade. Então escondo meu menino e meu propósito do mundo, com medo de que me achem louca. Sou mãe sem ninguém saber, mãe só para mim, mãe só comigo.

Meu filho é meu plano de o encontrar, que arquitecto no meu quarto debaixo do vão da escada do sótão, onde durmo. Tenho nome dele nas quatro paredes, o esboço da cara dele dorme à minha volta pintado nas paredes. Escrevi

o nome Joaquim em todas as paredes. Colei por todo o lado fotografias que tiro de jornais com a cara de moços como eu imagino meu filho. Minha mana me pensa louca, mas não me diz nada, tem respeito pela minha busca. “Esquece esse filho, mana, faz outro, procura homem.” Mas nunca penso que minha mana Natércia me imagina tresloucada. Mas é minha mana que me dá força e sustento. Governamos juntas a casa, trabalhamos no duro, minha mana Natércia é minha companheira nessa busca.



*No quarto, Irene escreve e fala em voz alta. Escreve e pensa, deitada na cama. A sua voz é, uma vez mais, a de várias raparigas e rapazes.*

Aqui deitada na cama, me apetece escrever sem olhar para trás. Escrever corrido para a frente para encontrar meu filho. Se meu filho é coisa da minha cabeça, então que essa coisa me apareça, me olhe de frente e me trague se for sua vontade. Que essa coisa me sare esta ferida que sou eu, por dentro e por fora nem que para isso me dê a morte. Escrevendo procuro meu Joaquim, escrevendo vou rua fora à procura da paz do nosso encontro.

Nunca li nada disto a ninguém como também não falo do meu menino, mas a cada frase me sinto mais perto de o encontrar nalguma esquina. Cada frase é mais uma rua que palmilho à sua procura. Cada página mais uma esquina que viro. Escrevo para a frente sem ler o que deixei para trás. Escrevo como quem foge pela vida. Vou à procura de encontrar a minha luz, à procura de salvar minha alma. Sigo na esperança de que meu anjo me guie até à terra que vejo nos meus sonhos. Lugar do meu descanso, vejo um vale a toda a vista coberto de relva fresca. E repouso nesse vale a olhar o céu, deitada de barriga para sempre. Meu filho Joaquim é esse meu dia de descanso ao Sol depois da corrida.

Não sei se meu menino sonha comigo, ou se sonhou, lá, onde dormiu, em casa do pai, para onde o levaram. Não sei se alguma vez imagina a minha cara como eu imagino a cara dele sem nunca o ter conhecido homem. A cara de meu filho Joaquim é toda a imaginação do meu dia, mas não sei se ele pensa em mim, ou se alguma vez pensou. Não sei se alguma vez alguém lhe contou da sua mãe preta sozinha em África. Sei que fugi da minha terra porque meu filho é meu destino e não me importo de morrer à procura. Mão que mo levou me deixou sem morada. Não sei meu filho pensa na sua mãe negra a dormir sozinha sonhando com ele. Mas sua mãe é também esse sonho de o saber algures, sonhando, quem sabe comigo.

Morro de pensar que meu filho sofre de não me ver como eu sofro por não saber dele. Preferia que me tivesse esquecido para sempre. Que lhe tivessem contado uma história e nunca falado de mim. Preferia que meu filho não soubesse que existo do que imaginar que todos esses anos sofria de não me ter por perto. Mas às vezes me vem uma imagem de meu anjo, noite alta, e vejo que meu anjo é mesmo meu filho Joaquim e que dorme com pena de não me ver. O vejo inquieto de noite a sonhar comigo. Todos estes anos fui mãe de meu filho, mãe desse sonho. Todos estes anos amargos de afastamento sonhei que fui mãe de meu filho dia e noite. Todos esses anos em sonhos o amamentei, o ensinei a andar, a falar, a cantar, a dançar e a ler. Meu filho não é coisa da minha cabeça. Meu filho é esse tempo todo dentro do meu sonho em que não tendo meu filho fui sua mãe. Esse tempo em que dentro do sonho que meu filho foi tendo comigo me chamou “mamã” e cuidei dele. Só

queria um dia com meu filho, dia com ele já moço e não menino mais. Queria um dia inteiro com o homem que ele é para me contar da sua vida. E nesse dia inteiro eu não lhe falaria de nada de mim nem lhe contaria a minha busca. Esse dia era só para ouvir a voz de meu filho me contando tudo o que fez desde o primeiro dia da sua vida. No fim dessa tarde de sol, eu podia morrer.

*No escritório. Irene e vários actores. Limpam e falam em voz alta, todas elas são a voz de Irene.*

No escritório, minha vida é no meio da papelada. Jogo lixo fora. Varro. Aspiro. Às vezes, mandam-me destruir o papel numa máquina trituradora. Ali fico a destruir escritos dos outros, anotados a tinta vermelha. Não estou autorizada a ler nada, mas tiro uma frase por outra, enquanto limpo. Às vezes, roubo aqui e ali uma filha.

Me inspiro para estas minhas notas, senhores do escritório não sonham que eu sonho. Não falo a ninguém, não estou autorizada. Às vezes, meninas sorriem, mas não há conversa. Algumas ficam grávidas, depois desaparecem, depois voltam. Quando voltam já têm cara de mamã.

E aí me pergunto como será minha cara. Se tenho cara de mãe mesmo sem ter criado meu filho, como elas têm. Me pergunto se do modo como minha cara está na cara de Joaquim, ele estará na minha. E o mistério de o encontrar é só questão de procurar pela minha cara na cara dos outros.

Vou pela rua, esbato contra um homem, penso licença para passar. Quantas vezes me terei cruzado com meu filho nas ruas de Lisboa sem o saber? Às vezes, na multidão, à entrada do metro, me dá uma aflição, um pavor. Penso

que ele está ali, perto de mim, no meio das pessoas, mesmo ao meu lado, e que eu não o sei ou podia reconhecer. Preciso de parar para respirar e ganhar fôlego antes de continuar caminho. Me apagaram da história do meu filho como se apaga um revisor de texto corrige um erro. Mas erro tem vida, erro tem cauda, erro continua.

*Num terminal de autocarros, cheio de gente, Irene ouve e persegue uma voz de mulher que chama pelo filho — e busca-o na multidão.*

Um dia, no terminal de autocarros, de regresso a casa, ouvi uma mulher chamar o nome Joaquim muito alto. Um fogo apertou-me dos pés ao pescoço, apertou meu estômago num nó, me acendeu. Corri escada acima vinda do metro à procura da voz, que não encontrei. Talvez fosse namorada do meu filho que o chamava. Talvez fosse nova mãe de meu filho que chamava por ele. Ainda a ouço distintamente nos ouvidos.

*Irene corre.*

Corri como louca, não como mãe que encontrou o seu filho aguardado, mas como mãe que perdeu seu filho e o procura em desespero. Depois, tive vergonha e entrei no autocarro. Mas ainda hoje no Colégio Militar me aflijo assim que me vejo entre muitas pessoas porque guardo a memória desse momento que, primeiro, foi alegria e, depois, tremenda desilusão.

Minha vida dava um livro. Também dava. Foi assim que comecei. Esse livro é minha procura de Joaquim, de que não tenho prova. Não fiz diligência na polícia, primeiros cinco anos não tinha sequer cartão de residência. Por isso, disse que ando cadela a farejar meu filho, cadela vadia. Procuro sem ter vida

organizada nessa Lisboa onde só conheço minha mana Natércia e senhoras da limpeza e uma ou duas primas que não conheceram Ricardo e me julgam louca. Prova da minha busca é meu corpo e minha alma.

Não sonhei que o homem branco me fez filho naquela noite, na areia da praia. Não sonhei que pari. Aconteceu como aconteceu a madrugada em que meu filho me foi roubado, como aconteceram estes anos. Durmo com a sua fotografia debaixo da almofada. Meu Joaquim é meu anjo, de mim ele vai tendo piedade.

Tenho história de livro e, num passo, não tenho história. Sou a saudade de meu filho, que não cabe em livro nenhum. Levaram-no de mim e, mesmo assim, a cada dia me mortifiquei por não ter acordado a meio da noite com o barulho que Ricardo fez ao sair do quarto. Sinto-me culpada por ter deixado meu filho ir e, ao mesmo tempo, não o podia ter impedido. Sinto que fui eu que saí do quarto com ele nos braços, eu que mo roubou a meio da noite enquanto sua mãe dormia e que Ricardo é não seu pai, mas eu, sua mãe, que o deixei partir sem me despedir. Por isso escrevo como quem fugiu, como uma foragida. E nunca volto atrás para ver como ficou ou para espreitar minha pegada.

Queria perder-me nas esquinas onde procurei meu filho, de São Bento ao Martim Moniz, ficar-me nesses cantos onde sou mulher de limpeza, mal vestida, com cara de susto sempre que passa um rapaz e pergunto se será Joa-

quim. Ser roubada me leva à loucura aos poucos sem que o possa impedir. Aos poucos, me vejo perder o juízo. Já não é o meu filho que procuro, mas minha cara chapada.

Já não sei se estes vinte anos não sou só uma noite e eu ainda a dormir na cama, no nosso quarto da Ilha. E essa roupa de velha, que é minha pele colada ao corpo, só uma máscara para outra mulher que sou e não sei. Ricardo me disse que daria educação a meu filho, mas levá-lo de mim deseducou-me da vida. Chorar não choro mais, estou seca. Virei bicho, como comecei por dizer, sou ferida por dentro e por fora, aberta, em carne viva. E já não sei se encontrar meu menino me sararia, se me salvaria. “Podem cair dez mil à tua esquerda e mil à tua direita tu não serás atingida”, lê-me minha mana Natércia num salmo, nas noites mais duras. Mas, nesses momentos, sinto que pari meu castigo e não minha bênção e que minha paga já não é mais vida, mas só isto.



*Irene no quarto. Escreve e fala sozinha. A sua voz é a de várias raparigas e rapazes.*

Tem dias que acordo iluminada e penso que a vida tem de continuar. Encontro alento nas pequenas coisas, pequenas rotinas do dia-a-dia. Minha vida não é todos os dias um livro triste. As amigas do bairro, as crianças que vejo, a luz da manhã, tudo isso me ilumina a alma. Essas manhãs não esqueço meu filho — essas manhãs, Joaquim é toda a minha vida desde que acordo. É quando Lisboa, esta cidade, me parece a cara procurada de Joaquim.

Em todos os telhados, na luz das fachadas, o encontro mesmo quando não penso nele. De todos os lados e ruas, meu filho me canta, mesmo se, nesses dias, estou distraída dele.

Tive de penar para encontrar meu direito à alegria na vida. Penar muito para descobrir que, apesar de tudo, tenho direito aos meus sorrisos. A tristeza lança uma rede em cima de uma mulher. Precisei de muito para entender que também eu me posso rir e falar alto. De princípio, viúva que fiquei do meu menino, achava que não podia vestir cores alegres nem dançar nem divertir-me.

Os anos levaram-me a entender que a vida também é minha amiga, que a vida também me puxa para a dança. Aqui tem muitos senhores que gostavam de namorar comigo, já havia lá na minha terra.

Namorar não namoro, mas às vezes saio com o senhor Abílio ao Domingo e andamos um pouco a ver as montras. Só uma vez demos a mão. Ele agarrou a minha mão devagar e eu deixei estar. Subimos a Avenida da República de mão dada. Não vou dizer que não gostei. Me senti gostada, acarinhada. Nesse momento, meu filho Joaquim não estava em mim. Caminhámos devagar e, nessa duração, fiz folga do meu filho e da minha provação. Nesse tempo curto, fui só mulher.

Outras vezes, o alívio chega quando saio de casa pelas cinco horas para pegar no serviço. Dá aquele vento fresco no nariz e na testa. Caminho depressa para não perder o autocarro. Vou na noite, mulher sozinha, as lojas fechadas, as persianas corridas, há muito pouca gente na rua. E, nesse trajecto, de vez em quando é a vida inteira que conversa comigo. Fico mais atenta às coisas que vejo. Meu ser se ilumina com a chegada de um novo dia. Vou sem meu filho na cabeça, concentrada só no bater dos meus passos e no frio que sinto no corpo. Caminho mulher de limpeza, mas medo não me aflige. Às vezes, os homens olham para mim, mas sigo certa e forte. Vou leve na vida. Nesses momentos, meu filho é só meu nascer do dia. Cabeça às vezes quer trair uma mulher. Cabeça às vezes quer derrubar-me. Por todo o lado, de todas as formas, cabeça quer me deixar no chão. Mas, no meu passo a caminho do auto-

carro, vou vencedora, alegre por mais um dia. Cabeça só vence se a gente deixa.

*Irene na rua, perdida e desorientada. Na multidão, fala sozinha e a sua voz é a de várias raparigas e rapazes.*

Outros dias, meu filho é meu inimigo. Por todo o lado a saudade dele me ataca. Doem-me as costas, a cabeça, o corpo. Ando pela rua e pela casa a tentar ver-me livre dele. Só quero que meu filho termine. Esquecer que sou mãe ou que alguma vez fui. Tremo, salivo demais, falta-me a vista, sufoco. Meu filho me ataca às vezes enquanto trabalho, me ataca enquanto luto pela minha vida.

E vou ganhando amor a essa sombra que só me quer agredir. Fecho-me no meu casulo, não falo nem com Natércia nem com ninguém. Esses dias, mal-digo minha sorte e meu filho, que me quer destruir, mas amo que me faça guerra e peço através do seu ataque a minha morte. Não tenho vida para andar sempre à procura de Joaquim, então acho que Joaquim me castiga. Quero terminar com meu filho e que ele termine comigo nesses dias e noites negras.

*Natércia, irmã de Irene, serve-lhe uma sopa à mesa. É um momento a duas, em que a irmã cuida dela e a consola.*

Depois, minha mana amiga me faz uma canja, diz uma piada, ri para me ver rir, minha mana é melhor companhia que uma mulher pode ter. E aí, aos poucos, vem de novo uma luz, primeiro devagar, pequenina. E volto a sorrir sorrindo para minha irmã. Volto a não ter medo de ver a luz. Sou de novo filha e não só mãe vazia. Minha mana me faz sua filha e trata de mim, me traz de volta à vida com o seu grande amor.

Livro da minha vida tem de contar de minha mana e de como ela me salva, me tem salvo todos esses anos. Livro da minha vida tem de ter um minuto de silêncio pela pessoa a quem devo quem sou, Natércia, minha fada salvadora, que tem sempre paciência e um sorriso para me animar. A vida me tem ensinado que só assim se salva uma mulher em desespero. Às vezes, precisei de me deixei ajudar pela minha irmã, precisei com todas as forças de a deixar ajudar-me, minha mana é minha amiga serena que me restituiu a minha dignidade depois das florestas escuras onde saudade de meu filho me levou, disposta a perder tudo. Mas Natércia me ajuda, me faz ver o lado bela da vida. A ela devo o regresso da luz quando a noite se abate sobre mim. Ela é a guerreira que faz de mim guerreira. Me leva às costas até ao fim do mundo, minha boa irmã, e só posso agradecer, às vezes, esquecendo meu filho, esquecer o que me

trouxe a este país. Às vezes, preciso esquecer por que vim para Portugal e me entregar ao colo da minha mana, porque a razão da minha vinda, Joaquim, me quer destruir, e chegada aqui me sinto, então, que vim a Lisboa buscar minha morte. Minha mana mais velha é que me salva e dá esperança. É por ela e por me ter salvado das trevas que todos os dias acordo e me obrigo à alegria.

Às vezes, aos Domingos, saímos para passear juntas. Natércia me leva ao parque ou vamos às compras. Se ando triste, me sinto sua menina, ou cadelinha que minha mana levou a passear na rua, mesmo que a imagem seja triste. Me puxa pela sua mão, cadelinha assustada a tremer de medo, assustada com a rua. Se ando alegre, sou boa companhia e me esqueço de mim. No parque, tudo nos ilumina. Sentamo-nos num banco à sombra, a ver as crianças, e toda a vida me sorri.

Conversa fiada, falamos dos namorados da Natércia, ela me conta suas aventuras e problemas no trabalho. Se ando bem, tenho ouvidos para a minha irmã, quando estou em baixo, a âncora puxa-me e só tenho ouvidos para as minhas desgraças.

Às vezes, estou cansada de mim, só eu, eu, eu, eu por todo o lado, eu por mim adentro, eu em toda a parte, eu e meu filho Joaquim até ao fundo das tripas. Me apetece vomitar toda esta agonia, vomitar todo o eu como se se

pudesse vomitar essa palavra e lavar esse veneno, eu, eu, eu, tanto eu que me enjoa, me enche de vômito. Vomitar eu como se vomitasse uma folha com essa palavra, ser só o ouvido que escuta as tricas da minha mana e comenta as suas alegrias e sortes, ser só essa escuta da minha boa mana mais velha, esquecer a palavra mais feia de todas, eu, eu, eu, eu, arre, o diabo que me carregue, o diabo que carregue Ricardo e filho que ele me levou, diabo que carregue a âncora que me quer levar até ao fundo do Tejo, eu, eu, palavra mais feia de todos os dicionários, palavra tão sozinha e triste que dá pena como mulher abandonada.

*Irene no escritório a limpar entre outros actores. Limpa e fala, agastada, como limpasse as suas agonias. Falando, imaginando, o que imagina ganha vida diante de si no escritório — e eis que nele emergem, como vultos, Joaquim e os seus pais. A voz de Irene é, uma vez mais, a de várias mulheres que limpam a seu lado.*

Limpo o escritório quando não está lá ninguém. Quanta vida nesse espaço e nessa confusão. Palavras escritas por tantas mãos. Gente entrando e saindo. De manhã, quando entro, o escritório dorme e vejo tudo sem poder ver nada porque limpo a correr contra o tempo. Imagino o corre corre quando há gente. As conversas e almoços. Os negócios que se fazem.

Que é tudo isso para uma mulher como eu? Não limpo como subordinada de ninguém. Lavo o chão com brio e orgulho. Faço meu trabalho com rapidez e cuidado. Mas, limpando, imagino todas as luzes acesas, toda a vida, desde a secretária do chefe até ao copo da cozinheira. E, limpando, não desejo viver outra vida.

Mas vejo que meus olhos e minhas mãos mexem tudo e tudo conhecem, vêem quando não está ninguém como eles, que aqui trabalham, nunca viram. Quem me veja vestida de empregada se calhar não me imagina bonita para ir dar passeio. Se me vissem arranjada talvez não me conhecessem. Mas



em toda a ocasião sou a mesma Irene. Eu toda a ocasião essa mulher, ferida e caminho.

*Joaquim e os seus pais (pai e madrasta) aparecem no escritório, como uma visão. Falam e gesticulam, embora Irene não os veja. Irene limpa e fala em voz alta, na voz de várias mulheres.*

Imagino meu filho na sua vida com a mãe e o pai que ele agora tem. Qual foi a sua primeira palavra. A primeira vez que andou. O primeiro dia de escola. O dia em que primeiro se apaixonou. Sinto-me a mãe de uma criança raptada.

E, agora, volvidos vinte e um anos, a sua primeira namorada, o dia em que se formará. Nem à distância posso dizer que tenha vivido a imaginação desses momentos.

Imagino a sua voz, primeiro de rapaz, depois de homem. Imagino as coisas dentro da cabeça dele, como se imaginasse uma cidade onde nunca estivei. E me vejo perdida nessa cidade durante a noite e nada do que lá vejo, dentro da cabeça do meu filho Joaquim, é alguma coisa que eu reconheça no meu mundo.

A língua que se fala nessa cidade é uma língua estranha. E vindas de todos os lados as pessoas passam por mim na rua, sem que eu entenda os seus hábitos e gestos.

Perdida na noite, na cidade da cabeça do meu filho, não sei onde é a minha casa. Perdi-me em cidade estrangeira quando penso na cabeça do meu filho onde rua nenhuma diz o meu nome. E não sei aonde me dirigir, nem para que lado fica a minha casa ou o centro, ou a estação para regressar. E, depois, penso que meu filho, se calhar, às vezes pensou em mim ao longo desses anos. E que nesse seu pensamento ele se sentiu perdido como eu, na cidade da sua cabeça, sem conhecer a língua e os caminhos. E nesses pensamentos estamos parecidos. Somos turistas perdidos um dentro do outro. Me roubaram meu filho, me roubaram meu senso de orientação e meu dicionário.

Foi só um momento em que o tive, só cinco meses que o conheci. Mas o facto de ele ter saído de dentro de mim há vinte e um anos, esse facto de que já quase não há memória nem sequer dentro de mim, faz-me incompleta de não o ter. Não saiu de mim uma outra pessoa independente. Pari o meu sentido e mo roubaram.

Escrevo à procura da luz. Procuo minha paz, encontrar-me comigo. A cada dia, hora de sair do trabalho é quando começa a vida dos outros e aí vejo que mulheres como eu somos quem vemos a noite das ruas e dos sítios, que conhecemos como são as coisas quando não há ninguém.

O nosso olhar é o olhar de Deus sobre o mundo. Abrimos salas quando os outros dormem. Somos anjos acordados enquanto os outros dormem, acampadas nas mesmas salas onde, durante o dia, levam a cabo suas vidas. Meu espírito, minhas dores, minha alma ninguém ali me pergunta o que me mói, se nem me vêem.

O dia vai nascendo em Monsanto e, dos janelões do escritório, o Sol nasce e ilumina o escritório que eu aspiro. Sou senhora dos preparativos da vida, na minha faxina, preparando a vida para o trabalho dos outros. Vou à janela sacudir os panos e o primeiro vento da manhã me diz Bom-dia. À medida que limpo, repasso minha vida na minha cabeça. Penso no que vou fazer a seguir, nos sonhos que tive. Lembro outras vidas da minha vida, minha juventude, meus dilemas. Não queria ser menina de escritório. Gosto do meu trabalho.

Sou da equipa de limpeza dos arcanjos. De dia, as pessoas desarrumam a vida. De noite, nós consertamos. Casas de banho de grandes senhores, sanita suja, gaveta confusa, pó e porcaria de chefes e patrões. Tudo isso eu limpo mesmo que minha limpeza não os lave por dentro. Nada disso me suja. Nada disso me desonra.

Depois, se aproxima o fim do turno. Hora de apressar o trabalho. E aí me apronto, dispo minha bata, me ponho a caminho. Apanho o autocarro, vou a caminho de casa.

Primeiros tempos pegava no restaurante de seguida, para pegar turno de almoço, agora é que já não tenho saúde. Vou para casa, onde me deito, e faço o almoço, passo a ferro para fora. O resto do dia fico mesmo em casa enquanto não arranjo outra coisa para arredondar ordenado, que é baixo. Só conto isso tudo para deixar escrito que não tenho vergonha de meu trabalho ou do que me calhou nessa vida. Acabo encontrando alguma paz nas pequenas coisas em que passam minhas mãos. Não tenho nojo do lixo dos outros. Passo o pano e solto perfume. Meu trabalho é perfumar essa vida, limpa até mágoa do passado, tristeza funda, mesmo se por dentro ando aflita.

Senhores poderosos, tantas decisões, tanta reunião, tanto copo de água, tanto papel higiênico. Que sabem eles de mim, de nós, disso tudo? Um dia sonhei que enchia de medicamento para o sono o copo de água de todos esses chefes e que eles adormeciam a meio da reunião sem perceberem o que se tinha passado.

É minha fantasia quando passa pelo espírito a fúria dessa vida, que depois passa, e depois esqueço. Meu trabalho é que não dêem por mim, deixar tudo limpo como se tivesse sido Deus que limpou. Mas que Deus olha por minhas entranhas, por essa aflição aqui dentro?

Que Deus me lava enquanto lavo copos e pratos, quem me tira o pó dos meus cantos? Ansiedade às vezes desperta com o som do aspirador. Penso que não me vou aguentar e me sento a correr numa das secretárias. O escritó-

rio vazio, mesas limpas, computadores desligados. Quem me acode, se não me aguentar? Quem ajuda o pobre do arcanjo?

*Irene no quarto, acabada de acordar, sentada na beira da cama.*

Sonhei que meu Joaquim se sentava comigo e me contava uma história. Era rapaz dos seus trinta anos. Eu não entendia logo, mas era o conto de toda a sua vida, que não vivi. Começava em pequeno e depois continuava por todas as suas idades. Eu escutava como quem escuta um marinheiro de regresso de viagem, muito atenta, toda menina pequenina. Desde então, sinto-me a viver dentro desse conto do meu filho, mesmo quando não estou a dormir. Ouço-a nos meus ouvidos e completo-a com as coisas do meu dia-a-dia.

Penso que a escuto à medida que o dia passa. Vivo dentro dessa história, de dia e de noite. Ela passa pela minha cabeça e a vida do meu filho é aventura de marinheiro em alto-mar e eu criança que escuta a história da sua aventura. São coisas assim que andam na minha cabeça enquanto faço a minha vida. Tenho a cabeça cheia de sonhos e ânsias. Minha cabeça é barco de meu filho aventureiro, minha alma a maré alta que ele defronta. Cabeça de mulher é mistério mesmo. Mistério muito interessante, como diz a Natércia.

Nem sei porque escrevo isso tudo, que ninguém vai ler. Escrevo e penso que escrever me salva e que no fim das palavras aparecerá a luz. Meu menino já é homem. Já sou mulher velha. Escrevo para lavar minha alma, que esses anos sujaram. Fico aqui no quarto a moer pensamento. Me vem uma calma, uma

paz pelo corpo todo. Não importa não ter quarto grande, desde que minha cama esteja engomada e lavada. Ontem saí para procurar meu menino no metro. É como procurar por botão que se perdeu da carteira. Ando pelo meio das pessoas e olho fundo as caras a ver se alguma me diz alguma coisa.

Tem vezes que dou com moço que me lembra Ricardo e, aí, olho mais fundo, de um jeito que chegam a perguntar-me se tenho algum problema. Problema nenhum, é só que há na cidade homens que me lembram meu filho, minha vida. Voltar para casa é sempre uma aflição. Venho no caminho sem nada, a pensar na vida. Parece que passou um dia inteiro, mas foram só poucas horas. Ando que nem barata tonta na rua, devo parecer uma louca.

É essa febre de achar meu Joaquim, vou à procura não sei do quê, se não sei o que procuro. Tem dias que me sento no jardim, num banco e fico a ver os rapazes passar. Toda a minha vida me passa pela cabeça, enquanto observo. Mas estou ali à espera de ver alguém que nunca vi, à espera de uma cara que não conheço. Parece quase que esperava que um rapaz alto viesse ter comigo e me dissesse “Bom-dia, eu sou Joaquim.” Mas o que mais custa é saber que nesse desatino ninguém sabe que ando aflita. Pensar que por fora pareço bem e feliz e por dentro é essa maré de aflição. Pensar que ninguém nota que ali sentada no banco, no Parque Eduardo VII, está uma mulher escavacada.

*A fala de Irene acorda a memória à sua frente, no quarto. Vê-se na praia, diante do mar, aguardando o regresso de Joaquim. A sua voz, falando com o mar, é sempre a de várias raparigas.*

Ainda lembro o tempo que se seguiu à madrugada em que partiu com o menino. Teve dias em que pensei que me sentia cega ainda que continuasse a ver. O berço do meu bebé, as roupas, o cheiro dele no quarto, no meu corpo. Me fiquei a rastejar pela praia sem um telefone, uma morada. Aí me fui deixando ir no desespero, sentada no porto, nem lavar já me lavava. Parecia que só o mar me tinha levado o menino, já não havia nem Ricardo, e que só o mar o traria de volta. Então, berrava à maré. Escrevia Joaquim na areia. Berrava que o mar me respondesse. Mas mar não tem dó de mulher roubada.

Meu filho não veio. Comecei a ver anjos e sereias, ali espedada de frente para o mar. Já não sabia mais nem meu nome. Via caras nas ondas. Ouvia palavras e canções no ronco do mar. Meu filho não veio e, aos poucos, me levou o tino e a esperança. Me sentia vazia por dentro, como uma concha de búzio, e todos os sons ecoavam em mim como lâminas afiadas. Meu namorado me engravidou e me abandonou.

Me levou vida que eu dei e meu norte. Me senti usada, desonrada. Só pescador da barra tinha dó de me ver todo o dia na areia a gemer. E muitos me deram comida e me taparam, quando passei a andar que nem sem-terra. Ao mesmo tempo, meu filho dormia quentinho noutro colo, noutra terra, nou-



tra casa. Era tão pequeno que não devia nem sentir falta da mãe ou essa falta passou depressa. Quando abriu os olhos para o mundo, já tinha outra família e outro destino. Já não foi o meu nome que ele disse pela primeira vez. Ricardo me usou para namorar na colónia. Me usou para se servir de meu corpo, eu era bonita e vaidosa. Me usou e me deu barriga. Me usou e abandonou.

Me senti saco que se usa e se deita fora. Ainda hoje, quando procuro a cara do meu filho nas caras da cidade dou comigo como essa saca velha deitada no chão. Queria saber o nome de todas as ruas. Saber quantos Joaquims há na cidade. Mas não sei sequer se é em Lisboa que vive Ricardo, ele era do Norte, de uma aldeia perto de Espinho, sei lá se é verdade. Tenho medo até, hoje, após todos esses anos, de o encontrar e de encontrar meu filho. Tantos anos, não nos conhecemos mais, que sei sobre ele? Quem é essa negra que nunca vi que diz ser minha mãe? Meu filho não ia sequer ter dó de mim. Ricardo tem nova vida a Joaquim e me roubou minha vida.

*Natércia recorda o dia anterior. Na multidão, corre pela rua, desesperada, no encalço de um rapaz que lhe parece Joaquim. Ao fundo, a sua voz, que enche a rua.*

Meu Pai, ainda estou a recuperar do susto de ontem. Ia a sair do metro, no Campo Grande, e vi um rapaz dos seus vinte e cinco anos, que saía da estação uns metros à minha frente. Foi uma certeza que me abalou de alto a baixo. Ali vai meu filho, alguma coisa me disse. Acelerei o passo e me pus atrás dele. Não sei que coisa na cara ou no olhar me deu a certeza, mas era certeza absoluta.

Era Joaquim, senti no meu peito, meu coração começou a bater com toda a força. Passo rápido, o rapaz caminhava depressa, e deixei de o ver — atravessou a passadeira. Por instantes, perdi-o, e logo perdi hora do meu autocarro. Fui rua fora sem olhar mais nada. Era ele, que nunca o vi, mas soube-o logo. Carros, trânsito, confusão dos diabos. Fui a caminho, Entrecampos, Avenida da República, Saldanha, transpirava. Casaco azul, calça castanha, botas da tropa.

Era Joaquim. De costas, não lhe via a cara, já nem sabia dizer como era a cara, só que era Joaquim, o meu Joaquim, meu filho amado. A cara dele como uma força. Os seus braços ao longo do corpo. O andar igual ao de Ricardo. O

passo dele no chão, toda a vida aguardado. Mãe sabe mesmo sem ver. Era meu filho, meu Pai, ouviste, meu Deus? Era Joaquim, camelino curto, cor de caramelo, meu filho tem mãos grandes de homem. E foi como o tivesse visto a vida inteira e toda a vida tivesse estado a seu lado. Persegui-o como sombra, carregada com os sacos das compras, tudo em mim ficou leve como uma seta atrás do meu filho amado.

Às vezes, meu Deus, pesadelo me mostra que esconderam anúncio de jornal de meu filho. Vejo uma mulher que o esconde dele, que lhe esconde que o procuro, talvez mãe, talvez irmã, sei lá eu alguma coisa nessa vida. Mas vejo isso, a mulher que lhe esconde o anúncio, mulher sei lá se foi quem o criou, se o tem a ele por filho.

Na sua pegada, pela rua, a bater contra as pessoas, a correr nesses sapatos gastos, senti essa presença de mulher atrás de mim, como abutre atrás da gazela, que era eu no encalço do meu filho, ó meu pai, como corri por Joaquim, tirei até meu casaco quando cruzei o Saldanha, sutiã a apertar-me, a repuxar-me o ombro, desgrenhada e suada corri por meu filho. Era ele, era Joaquim, parou para ver as horas.

Pausei um pouco à distância. Ele continuou. E nem por um momento, Deus meu, nem ali na passadeira, perto do Imaviz, tive a coragem de o abordar, toda eu era esse momento vivido na imaginação, mas sem coragem. Toda eu era chegar-me a ele e dizer “Joaquim?” Mas não o fiz.

Quis só persegui-lo. Perseguir minha fé, minha certeza. Só ver ao longe, como se vê água quando se tem sede no deserto. Caminhei como quem paga promessa. Caminhei como tenho escrito, para encontrar minha luz. Era ele. O homem parou. Abotoou os sapatos. E aí, de perfil, encostada ao semáforo, vi-lhe as pestanas, igualzinhas que eram às do meu bebé. A cara dele por mim dentro a acender-me todas as artérias. É meu filho, é meu menino, é meu bebé — achei-o!

Meu filho, cara na multidão, meu filho amado. Meu filho, homem de costas, Lisboa mo deu. Se esticasse o braço, nas suas costas, quase o tocava. Quase, meu Pai, lhe bati no braço só para sentir seus ossos. Quase o toquei, meu Pai, nossos olhos nunca cruzaram.

Tenho procurado meu Joaquim sem saber o que procuro. Procuro-o em tudo quanto meus olhos vêem, nas minhas manhãs e nas minhas noites. Vou procuradeira vida fora, e às tantas penso se já me habituei. Se já sou esse caminho que faço na direcção do meu filho, homem que não me conhece e eu não conheço. Pergunto-me se ser mãe de Joaquim não é mesmo isso de andar pela rua à cata de meu filho, agulha perdida. Se ser mãe é só essa minha busca, e nada mais.

Soube que era ele com o corpo todo, Fontes Pereira de Melo fora. Ambulâncias e táxis. Buzinões, conversa de amigas. Meu filho anda rápido. E eu atrás do meu menino, gazela que alguém abateu, já me fraquejam os braços, as

pernas. Um frio percorre-me o corpo, no meio do suor. Minha certeza vai-se esmorecendo à medida que ganho certeza. E essa presença atrás de mim, olho de urubu nas minhas costas, urubu mulher que me esconde de meu filho, estarei louca, meu Pai? Na Rotunda, um autocarro tapou-o. Quando o autocarro passou, perdi-o. Perdi meu filho, meu Pai, como se perde carteira. Mas era ele, vi-o com os meus olhos, soube-o com a minha alma.